

“Herdeiro das gloriosas tradições de luta dos homens e mulheres da sua raça”: trabalhadores, política, classe e raça na Bahia no pós-Segunda Guerra Mundial

“Heir to the glorious traditions of struggle of the men and women of his race”: workers, politics, class and race in Bahia in the post-World War II

Edinaldo Antonio Oliveira Souza*

Resumo: Nas eleições para a Assembleia Nacional Constituinte, em dezembro de 1945, o ativista portuário Juvenal Souto Júnior, candidato pelo Partido Comunista do Brasil, foi apresentado na imprensa comunista como um “legítimo herdeiro das gloriosas tradições de luta dos homens e mulheres da sua raça, os negros da Bahia, que dirigiram ou participaram dos movimentos de 1835 e seguintes contra a opressão e pela igualdade de direitos dos trabalhadores de cor”. Juvenal foi o segundo candidato mais votado na legenda pecebista, superado apenas por Carlos Marighella, o único deputado comunista eleito pela Bahia. No pós-Estado Novo, muitos dos operários que se destacaram no movimento sindical baiano eram negros. Alguns destes operários viram no curto período de legalidade do PCB (1945-1947) uma importante janela de participação na política partidária e eleitoral. Recentes estudos têm focalizado a relação do PCB com a questão racial e a participação negra na política partidária e eleitoral. Contudo, essas pesquisas têm privilegiado a perspectiva do partido político e do ativismo negro e as variáveis conjunturais, não dedicando a mesma atenção às experiências e trajetórias de operários e ativistas sindicais negros que tiveram atuação efetiva na militância partidária e na disputa eleitoral no pós-Estado Novo. O presente artigo parte da perspectiva de que a relação desses operários negros com a política partidária e eleitoral eram uma via de mão dupla, onde os discursos, as diretrizes e deliberações do

* Doutor em História Social pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor Assistente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: edyaosouza@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0849-3981>.

partido político e dos movimentos negros podiam ser apropriados e ressignificados a partir de suas trajetórias e experiências pessoais e sociais.

Palavras-chave: operariado negro; PCB; questão racial.

Abstract: In the elections for the National Constituent Assembly, in December 1945, the port activist Juvenal Souto Júnior, candidate for the Communist Party of Brazil, was presented in the communist press as a “legitimate heir to the glorious traditions of struggle of the men and women of his race, the blacks of Bahia, who led or participated in the 1835 and subsequent movements against oppression and for the equal rights of colored workers”. Juvenal was the second most voted candidate on the caption communist, surpassed only by Carlos Marighella, the only communist deputy elected by Bahia. In the post-Estado Novo period, many of the workers who stood out in the Bahian trade union movement were black. Some of these black workers saw in the short period of PCB legality (1945-1947) an important window of participation in party and electoral politics. Recent studies have focused on the PCB’s relationship with the racial issue and black participation in party and electoral politics. However, these surveys have privileged the perspective of political parties and black activism and conjunctural variables, not devoting the same attention to the experiences and trajectories of workers and black union activists who had an effective role in party militancy and in the electoral dispute in the post-New State. This article departs from the perspective that the relationship of these black workers with party and electoral politics was a two-way street, where the speeches, guidelines and deliberations of the political party and black movements could be appropriated and re-meaning from of their trajectories and personal and social experiences.

Keywords: black working class; PCB; racial issue.

Introdução

CANDIDATO À Assembleia Nacional Constituinte pelo Partido Comunista do Brasil (PCB), nas eleições de dezembro de 1945, o líder portuário Juvenal Souto Júnior foi apresentado na imprensa comunista como um “legítimo herdeiro das gloriosas tradições de luta dos homens e mulheres da sua raça, os negros da Bahia, que dirigiram ou participaram dos movimentos de 1835 e seguintes contra a opressão e pela igualdade de direitos dos trabalhadores de cor”.¹ No cômputo das urnas, Juvenal Júnior obteve 2.823 votos, ficando como primeiro-suplente do deputado Carlos Marighella, único constituinte eleito pelo PCB baiano com 5.188 votos.

Diferentemente de Juvenal Júnior, Marighella não era um operário e nem foi apresentado como um candidato negro, embora reconhecesse a sua condição de mulato,

1 OS CANDIDATOS do povo baiano à Constituinte. **Tribuna Popular**, Rio de Janeiro, 22 nov. 1945. Aperj, fundo DPS, C. E. da Bahia, D 885, fl. 316.

filho de mãe negra e pai italiano. Marighella ingressou no partido no início da década de 1930, quando se destacava no movimento estudantil, enquanto cursava engenharia civil na Escola Politécnica da Bahia. Participou ativamente das lutas políticas que antecederam e sucederam a implantação da ditadura do Estado Novo, conquistando prestígio político no partido e circulação no meio estudantil, intelectual e entre setores do operariado, sobretudo pela coragem, carisma, facilidade de comunicação e liderança. Acabara de retornar à liberdade após ser preso, pela terceira vez, por motivação política em 1939.²

A relação das esquerdas com a questão racial tem sido um tema controverso tanto no campo político quanto na historiografia. Entre setores do ativismo negro e do meio acadêmico é recorrente a acusação de que, historicamente, as esquerdas ignoraram, negligenciaram ou minimizaram a questão racial. Entretanto, algumas pesquisas recentes têm evidenciado que, apesar da falta de centralidade da temática e das nuances conjunturais na abordagem oficial partido, que podem ser explicadas tanto por limitações de natureza teórica, ideológica e de concepção histórica quanto por pragmatismo político, setores da intelectualidade, da militância e, inclusive, da direção pecebista não deixaram de reconhecê-la e, por vezes, introduzi-la no debate político.³

A partir de documentos, revistas e manifestações de economistas e intelectuais do partido, Chadarevian distingue duas fases “radicalmente opostas” na abordagem da questão racial pelo PCB desde a sua fundação até 1964. Até 1933, observa-se um profundo desinteresse pelo tema e uma tendência em minimizar o racismo como problema importante, situação que rendeu duras críticas por parte de Moscou. A partir de 1934 ocorre uma inflexão na linha teórica do partido, que passa a criticar duramente a condição de negros e indígenas na sociedade brasileira, apesar dos limites de seu quadro analítico para a leitura de problemas econômicos do país e a percepção de intersecção entre desigualdade e exploração de classe e preconceito e discriminação racial.⁴

No final do Estado Novo, a abordagem da questão racial tanto esteve impactada pela teoria da democracia racial e pela prevalência da questão de classe sobre a de raça quanto pela política de “União Nacional” preconizada pelo PCB, que defendia a aliança do operariado com a burguesia nacional em uma frente ampla de luta

2 NOVA, Cristiane; NÓVOA, Jorge. Genealogias, transversalidades e rupturas de Carlos Marighella. *In*: NOVA, Cristiane; NÓVOA, Jorge (org.). **Carlos Marighella: o homem por trás do mito**. São Paulo: Editora Unesp, 1999, p. 35-188.

3 CHADAREVIAN, Pedro C. Raça, classe e revolução no Partido Comunista Brasileiro (1922-1964). **Política e sociedade**, Florianópolis, v. 11, n. 20, p. 255-283, abr. 2012. ALFONSO, Daniel; MATOS, Daniel (org.). **Questão negra, marxismo e classe operária no Brasil**. São Paulo: Edições Iskra, 2013. GRAHAM, Jéssica. A virada antirracista do Partido Comunista do Brasil, a Frente Negra Brasileira e a Ação Integralista Brasileira na década de 1930. *In*: DOMINGUES, Petrônio; GOMES, Flávio S. (org.). **Políticas da raça: experiências e legados da abolição e da pós-emancipação no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2014. p. 283-300. SOTERO, Edilza Correia. **Representação política negra no Brasil pós-Estado Novo**. 2015. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. LIMA, Aruã S. **Comunismo contra o racismo: autodeterminação e vieses de integração de classe no Brasil e nos Estados Unidos (1919-1939)**. 2015. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

4 CHADAREVIAN, op. cit., p. 255/6.

contra o nazifascismo, o latifúndio e o imperialismo.⁵ Com efeito, a questão racial estava associada ao atraso econômico, ao recente passado escravista, ao latifúndio e à suposta submissão e desorientação do negro, equivocadamente denominados de “resquícios feudais”, cuja resolução passava pela revolução burguesa e pelo desenvolvimento do capitalismo.

Edilza Sotero procura analisar as aproximações entre o ativismo negro e a política partidária e eleitoral no período de abertura política pós-Estado Novo, focalizando os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia.⁶ Contudo, a pesquisa retrocede até a década de 1930, período de ascensão política do ativismo negro e de inserção da questão racial na política partidária e eleitoral. Apesar de focar o PCB, o estudo contempla outros partidos, como a União Democrática Nacional (UDN), a Esquerda Democrática e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB).

Segundo a autora, no pós-Estado Novo, enquanto os ativistas negros tenderam a enfatizar a inserção da questão racial na pauta política, originando a defesa do “voto racial”, os comunistas pautaram seu discurso na representação do “povo”, “sem, contudo, ignorar o debate sobre a situação da população negra na sociedade brasileira”.⁷ Nesse contexto se verifica um “investimento de ativistas negros e dirigentes do PCB na apresentação de candidatos negros para participar em campanhas eleitorais”.⁸

Em que pesem as importantes contribuições desses estudos para uma compreensão da inserção da questão racial na pauta política das esquerdas, geralmente eles têm privilegiado a perspectiva dos partidos políticos e do ativismo negro e as variáveis conjunturais, não dedicando a mesma atenção às experiências⁹ e trajetórias de trabalhadores e sindicalistas negros, que tiveram atuação efetiva na militância partidária e na disputa eleitoral na conjuntura pós-Estado Novo. O presente artigo parte do entendimento de que os discursos, as diretrizes e as deliberações dos partidos políticos e do ativismo negro podiam ser apropriados por esses sujeitos a partir de filtros culturais inerentes às suas trajetórias pessoais e experiências sociais.

5 Ver: COSTA, Hélio. **Em busca da memória**: comissão de fábrica, partido e sindicato no pós-guerra. São Paulo: Editora Página Aberta Ltda., 1995. NEGRO, Antonio Luigi. Um PCB é pouco, dois é bom, três é demais: a participação operária na política do pós-guerra. **História**, n. 21, 2002. SANTANA, Marco Aurélio. **Homens partidos**: comunistas e sindicatos no Brasil. São Paulo: Boitempo Editorial/UFRJ, 2001. SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias. **Os impasses da estratégia**: os comunistas, o antifascismo e a revolução burguesa no Brasil, 1936-1948. São Paulo: Annablume, 2009.

6 SOTERO, op. cit.

7 Ibidem, p. 15.

8 Ibidem, p. 27.

9 Na perspectiva de E. Thompson, o conceito de experiência compreende a dialética entre ser social e consciência social, a dinâmica entre os acontecimentos vividos e as formas como eles são subjetivamente percebidos e culturalmente apreendidos pelos trabalhadores, mediante a interação entre prática e reflexão. THOMPSON, Edward P. **A miséria da teoria**: ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. Idem. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Organizadores: Antonio Luigi Negro e Sérgio Silva. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

Experiências e trajetórias operárias, ativismo sindical, política partidária e eleitoral e a questão racial



Fonte: Jornal *O Momento*, Salvador, 19 nov. 1945.¹⁰

A PLATAFORMA POLÍTICA atribuída à candidatura de Juvenal Júnior exaltava as continuidades entre as tradições de luta dos negros contra a opressão na Bahia e as experiências operárias na luta por direitos, articulando-se elementos de raça e classe na conformação de uma identidade operária. O apelo à questão racial encontra correspondência na candidatura de Claudino José da Silva, ferroviário e carpinteiro, negro, líder sindical e membro do Comitê Central do PCB, eleito para a Assembleia Nacional Constituinte pelo Rio de Janeiro.¹¹ Conquanto não tenha sido eleito, a expressiva votação alcançada por Juvenal Júnior tanto é representativa da sua influência no meio operário e sindical quanto também pode ser indicativa de uma identificação do operariado soteropolitano com uma candidatura negra associada à causa racial. Ainda assim, convém observar a prevalência de candidaturas não negras na chapa do PCB naquelas eleições.

Juvenal Souto Júnior era um ativista sindical desde a década de 1930, que teve atuação proeminente no contexto da redemocratização na Bahia. Nascido no tradicional bairro de Nazaré, em Salvador, alcançou seu primeiro emprego na tipografia do Convento de São Francisco, quando vivenciou a formação do Sindicato dos Operários Gráficos em Salvador, entre 1933 e 1934, tornando-se delegado sindical da oficina tipográfica onde trabalhava. Em 1934 integrou a chapa de candidatos classistas à Câmara Estadual.

Em 1936 ele deixou as atividades de gráfico e foi trabalhar nas Docas, filiando-se, então, ao Sindicato de Carregadores de Carga do Armazém do Porto da Bahia, posteriormente enquadrado, por força do Decreto-Lei nº 1.402, de 1939, com a denominação de Sindicato dos Operários Portuários da Cidade de Salvador. Em 1938,

¹⁰ Juvenal Souto Júnior é o terceiro candidato da segunda fileira no centro da imagem, entre os candidatos em destaque: Arruda Câmara (à esquerda) e Carlos Marighela (à direita).

¹¹ PRETO não é mais lacaio! *O Momento*, Salvador, p. 1, 1 fev. 1948. Ver também: SOTERO, op. cit.

concorreu pela primeira vez a um cargo na direção do sindicato, sendo eleito primeiro-secretário na chapa encabeçada por Anísio Falcão.¹²

Juvenal participou ativamente da mobilização popular na conjuntura da Segunda Guerra Mundial e teve atuação efetiva na militância sindical e partidária no pós-guerra. No plano sindical, participou da organização do Movimento Unificador dos Trabalhadores (MUT), do Segundo e do Terceiro Congresso Sindical dos Trabalhadores Baianos (em maio de 1945 e maio de 1946, respectivamente). No plano partidário, foi dirigente estadual do PCB, secretário sindical do Comitê Municipal em Salvador, candidato à Assembleia Nacional Constituinte em 1945 e integrou a “chapa popular” para o Legislativo estadual em 1947. Em 1955, voltou a ocupar o posto de primeiro-secretário do Sindicato dos Portuários, sendo eleito presidente em 1960 e posteriormente reeleito, até ser cassado e preso pelo golpe de 1964. Condenado a três anos de reclusão, foi absolvido pelo Superior Tribunal Militar.¹³

Na Bahia, estado onde as intersecções entre classe e raça demarcavam (e ainda demarcam) as experiências sociais, com desdobramentos evidentes nos mundos do trabalho, a aproximação de operários e ativistas sindicais negros¹⁴ com partidos políticos que manifestavam alguma identificação com as causas sociais e raciais deve ser vista como uma “via de mão dupla”. No pós-Estado Novo, a expressiva participação de operários negros na política partidária e eleitoral tanto estava associada ao contexto da redemocratização e advento de uma “política de massas”, à atuação política do ativismo negro e à admissão da questão racial no discurso e na pauta do PCB, desde a década de 1930,¹⁵ quanto encontra guarida nas experiências e trajetórias de operários negros nos mundos do trabalho, no ativismo sindical e nos quadros do próprio partido.

À medida que se ampliava, ainda que limitadamente, a presença negra nos espaços sociais e de representação política e reverberava a atuação dos movimentos negros, o problema do preconceito racial tanto ficava, cada vez mais, evidente quanto ocupava maior espaço no debate político e intelectual, ainda que de forma marginal e atravessado por filtros teóricos e ideológicos e por objetivos programáticos.¹⁶

No pós-Segunda Guerra, quando se projetava o cenário da guerra fria no plano global, e tomava curso a política anticomunista do governo Dutra no âmbito nacional, *O Momento* reproduzia notícias sobre o racismo, reverberadas pelo movimento negro norte-americano. Se no contexto da Segunda Guerra os racistas eram os alemães nazistas, com o advento da

12 SOUTO JÚNIOR, Juvenal. **Juvenal Souto Júnior (depoimento, 1983)**. Núcleo de História Oral e Documentação Contemporânea (NHODOC) – Acervo do projeto “Memória do Movimento Operário Baiano”, Salvador, UFBA. Depoimento transcrito, 12 fls.

13 SOUTO JÚNIOR, op. cit. Ver também: OS CANDIDATOS do povo baiano à Constituinte, op. cit. COMITÊ estadual, comitês populares e principais militantes do Partido Comunista na Bahia. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (Aperj), fundo DPS, C. E. da Bahia, D 885, fls. 357/63;

14 Sem embargo às atuais abordagens acerca de identidade racial, essa identificação toma como base a observação de fotografias publicadas em diversas edições do jornal *O Momento*, as trajetórias de vida e as categorias classificatórias utilizadas no censo de 1950.

15 SOTERO, op. cit.

16 Ver: GUIMARÃES, Antônio Sérgio A. **Classes, raças e democracia**. 34ª ed. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2002.

guerra fria, racista passava a ser a “democracia” da América do Norte, “onde os pretos eram linchados e não tinham direitos diante dos brancos considerados superiores”.¹⁷

Na edição de 13 de maio de 1949, já no contexto pós-proscrição do PCB e cassação dos mandatos parlamentares comunistas, o jornal pecebista *O Momento*, principal interlocutor do movimento sindical na Bahia no pós-Estado Novo,¹⁸ lembrava que a luta contra a escravidão não terminou com a abolição. A matéria destacava o estudo realizado por Donald Pierson, entre 1935 e 1937, que evidenciava as desigualdades entre pretos e brancos nos mundos do trabalho em Salvador.¹⁹ De acordo com o jornal comunista, mais de uma década após a realização da pesquisa, esse quadro pouco havia se alterado.

Apesar de não incluir algumas das principais categorias operárias, como os têxteis, os empregados na agroindústria açucareira, os fumageiros, os moveleiros, os trabalhadores nas indústrias de bebidas e alimentos, nem os ferroviários, a amostragem evidenciava o predomínio dos “pretos relativamente puros” e dos “mulatos predominantemente escuros”, conforme a classificação do autor, nos postos menos qualificados ou considerados de menor *status*.²⁰ Embora as evidências apontassem para a intersecção da desigualdade de classe com a discriminação e o preconceito racial, Donald Pierson identificou na Bahia uma sociedade multirracial, cujo fator preponderante na determinação do “*status*” não seria “a raça nem a cor, e sim a posse de características sociais relacionadas com a classe”.²¹

Formado na Escola de Sociologia de Chicago, mas influenciado pela teoria da democracia racial no Brasil,²² o sociólogo norte-americano subestimou o preconceito e a discriminação racial. Conforme avaliou, as desigualdades de cor se inseriam no contexto geral da sociedade de classes ou de *status*, explicavam-se pelo passado escravista e pelo recente processo abolicionista e tendiam a desaparecer com o avanço da mestiçagem e o desenvolvimento da sociedade moderna.

Para Donald Pierson, nos sindicatos de trabalhadores baianos predominavam “nitidamente as linhas de classe”, as “diferenças raciais” eram “postas de parte”, pois a liderança tendia a ser branca ou quase branca, mesmo nas associações predominantemente de pretos e de mulatos escuros. Se essa tendência efetivamente prevalecia na época em que foi realizado o referido estudo, uma década depois havia uma

17 DESFAZ-SE o mito da democracia americana. *O Momento*, Salvador, 31 jan. 1948. BÁRBARO crime de um racista americano. Idem, 27 fev. 1948. DISCRIMINAÇÃO racial! Idem, 4 mar. 1949.

18 Sobre o jornal *O Momento*, ver: SERRA, Sônia. *O Momento*: história de um jornal militante. 1987. Dissertação (Mestrado em História) – FFCH/UFBA, Salvador, 1987.

19 A LUTA contra a escravidão não terminou com o 13 de Maio. *O Momento*, Salvador, 13 maio 1949.

20 PIERSON, Donald. **Brancos e pretos na Bahia**: estudo de contato racial. São Paulo/Rio de Janeiro/Bahia/Recife/Pará/Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1945, p. 241/3.

21 Ibidem, p. 31.

22 A teoria da democracia racial teve como principal fonte inspiradora os estudos de Gilberto Freyre sobre a sociedade patriarcal e o paternalismo no Brasil. De acordo com o sociólogo e político pernambucano, a Bahia era a “Mestra de todos os brasileiros na arte de conciliação e da ciência da contemporização”, um caso exemplar de “culturas que se interpenetram”, de “antagonismos sociais que se harmonizam”, de “raças que se aproximam umas das outras, com preconceitos cada vez menores a separá-las”. NA BAHIA, estou sempre entre amigos. *Diário de Notícias*, Salvador, p. 3, 14 jan. 1949. Ver também: FREYRE, Gilberto. **Bahia e baianos**. Edson Nery da Fonseca (org.). Salvador: Fundação das Artes/Empresa Gráfica da Bahia, 1990.

crescente participação de trabalhadores pretos e mulatos ou pardos entre as lideranças sindicais na Bahia.

No pós-Estado Novo, muitos dos operários que se destacaram no movimento sindical baiano eram pretos e mulatos. O mecânico e líder transviário João Ribeiro dos Passos; os portuários Juvenal Souto Júnior e Cosme Ferreira; os estivadores João Cardoso de Souza, Jaime da Silva Maciel, Aloisio Gomes dos Santos e Manuel do Espírito Santo Gomes; os panificadores Antônio Rosa de Oliveira e Laurindo José de Santana; o empregado na construção civil Benedito Manoel do Nascimento; o tecelão e jornalista Demerval Araújo; o carregador de trapiche Antônio Marques da Luz; o ferroviário Vitório Pita; o gráfico Florêncio Moreira; o artesão Narciso Bispo e o líder trabalhista Inácio Dias de Souza expressavam no fenótipo e nas trajetórias a afrodescendência. Alguns deles traziam em suas experiências e trajetórias a atuação no movimento sindical e participação na política partidária e eleitoral desde o início da década de 1930.

Para esses operários, o curto período de legalidade do PCB representou uma oportunidade de participação política partidária e eleitoral. Alguns deles integraram a chapa popular nas eleições para a Assembleia Estadual Constituinte, em janeiro de 1947. Outros, incluindo algumas operárias, tiveram a pré-candidatura anunciada pela folha comunista, mas algumas não foram oficializadas. O trabalhista Inácio Dias de Souza foi candidato pelo PTB naquelas mesmas eleições.

Diferentemente da candidatura de Juvenal Júnior em 1945, as plataformas dos candidatos negros nas eleições estaduais de 1947 não traziam uma referência direta à questão racial; na folha comunista eles foram apresentados como candidatos do povo ou “chapa popular”. Porém, como observa Sotero, naquele contexto “o sentido empregado ao termo popular parece carregar aspectos que mobilizavam sentidos relacionados à classe e

Sindicalistas candidatos a deputados estaduais pelo PCB nas eleições de 1947.



Fonte: *O Momento*, 20 jan. 1947

raça”.²³ Nesse sentido, as expressões “povo” e “popular” parecem articular as categorias “negro” e “trabalhador”, ou ainda de “povo humilde”, na sua maioria, negro.²⁴

A intersecção entre discriminação, desigualdade e preconceito de classe e de raça integrava as trajetórias e experiências desses trabalhadores e sindicalistas negros. As memórias de alguns desses ativistas sindicais, apesar de “seletivas” e de comportar “esquecimentos”, ajudam a iluminar o universo de experiências e tradições que informavam a sua formação e as escolhas políticas.²⁵

Em entrevista concedida ao Núcleo de História Oral e Documentação Contemporânea, da UFBA, em 1983, o metalúrgico e líder transviário João Ribeiro dos Passos rememora que, quando trabalhava na Companhia Linha Circular, uma subsidiária da norte-americana *Bond and Share*, o diretor Anísio Massora era odiado pelos empregados por ser “um racista miserável, que não gostava de nenhum preto”.²⁶

Em suas memórias, João dos Passos aponta ainda permanências de tradições negras nas origens do sindicalismo baiano.²⁷ Conforme rememora, no início da sua experiência sindical, a linguagem predominante na comunicação das lideranças com as bases assentava-se na oralidade, “no nagô”. O nagô africano, explica: “Era assim, conversa de pé de ouvido. Não havia documento, mesmo porque o nível cultural era baixíssimo, não existia” (referindo-se à cultura letrada).²⁸ Eis uma dimensão da experiência negra que pode representar um importante campo de investigação da História Social do Trabalho.

Nascido na Ilha de Maré, que pertence ao município de Salvador, ele começou a “ver” e “sentir” a vida sindical como aprendiz de mecânico na Companhia de Navegação Baiana (CNB), no contexto grevista de 1919. Seus “mestres” foram os fundadores do Sindicato dos Metalúrgicos de Salvador,²⁹ o ajustador mecânico de bancada Carlos Maia, primeiro

23 SOTERO, op. cit., p. 112.

24 Para uma abordagem da relação dos termos “povo” e “popular” com os sentidos de “negro” e “trabalhador”, ver: RAMOS, Alberto Guerreiro. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: Editorial Andes Ltda., 1957. SANTOS, Joel Rufino. D. O negro como lugar. In: MAIO, M. C.; SANTOS, R. V. (org.). **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 1996. Ver também: BOURDIEU, Pierre. Os usos do “povo”. In: BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990. Idem. Você disse “popular”? **Revista Brasileira de Educação**, n. 1, p. 16-26, jan.-abr. 1996.

25 Ver: POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, pp. 3-15. HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

26 PASSOS, João Ribeiro dos. **João R. dos Passos (depoimento, 1983)**. Núcleo de História Oral e Documentação Contemporânea (NHODOC) – Acervo do projeto “Memória do Movimento Operário Baiano”, Salvador, UFBA, 1983. Depoimento transcrito, 57 fls. Ver também: GOMES, José Carlos de S. **A dupla exploração e a discriminação do trabalhador negro nas indústrias petroquímicas e químicas de Camaçari**. 1985. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1985.

27 Sobre continuidades entre tradições negras e experiências operárias, ver: SOUZA, Robério S. **Tudo pelo trabalho livre!** Trabalhadores e conflitos no pós-abolição. (Bahia 1892-1909). Salvador; São Paulo: Ed. Ufba; Fapesp, 2011. CASTELLUCCI, Aldrin A. Classe e cor na formação do Centro Operário da Bahia (1890-1930). **Afro-Ásia**, Salvador, n. 41, p. 85-131, 2010. CRUZ, Maria Cecília Velasco. Tradições negras na formação de um sindicato: Sociedade de Resistência dos Trabalhadores em Trapiche e Café, Rio de Janeiro, 1905-1930. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 24, p. 243-290, 2000. REIS, João José. **Ganhadores: a greve negra de 1857 na Bahia**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

28 PASSOS, op. cit.

29 De acordo com João R. dos Passos, o Sindicato dos Metalúrgicos em Salvador foi fundado num contexto grevista, em 30 de abril de 1919.

presidente; o secretário Alfredo Martins e o “velho ferreiro” Joaquim Belchior, um “preto bem retinto”. Conforme rememorou mais tarde,

Eu via e sentia a conversa deles, na bancada e na forja do velho ferreiro... Eles se encontravam, conversavam e eu ouvia aquela conversa, então fui crescendo... Eu aprendi o ofício de mecânico lá. Naquela época, estavam atrasadas três quinzenas e todo mundo tinha família, eu vivia sem recursos, mas não tinha família. Eu não morava com meus pais, morava com amigos de meus pais... Estava atrasado e sempre esse problema de dinheiro atrasado e outras coisas, mas, sobretudo o dinheiro. Havia uma grande efervescência, uma tristeza, uma desconfiança. Nesta ocasião, houve uma greve geral na Bahia, aqui em Salvador.³⁰

Em 1923, saiu da Companhia de Navegação Baiana e foi trabalhar na montagem de uma máquina a vapor na fábrica de refrigerantes Fratelli Vita, em seguida entrou para as oficinas da Ferrovia Leste Brasileira, de onde saiu em 1926 para ingressar na Companhia Linha Circular de Carris Urbanos de Salvador. Nessa época, vivenciou um princípio de greve pela tolerância de cinco minutos na entrada para o serviço, uma conquista dos “velhos companheiros”, e a criação da Associação Profissional dos Trabalhadores da Companhia Linha Circular dos Carris Urbanos e Energia Elétrica da Bahia. Em 1932, essa associação deu origem ao Sindicato de Tramway, Telefone, Força e Luz da Cidade de Salvador, abarcando todos os setores da empresa estrangeira: bondes, telefone, energia elétrica, escritórios e oficinas. Era o maior sindicato do estado na época, conforme rememora.

Segundo João dos Passos, na conjuntura pós-1930 “a coisa se tornou muito mais ampla, mais politizada, com a interferência de outros companheiros, os marítimos, os embarcadiços”, que mantinham relação frequente com operários de outros portos e, ao mesmo tempo, tinham contato com outros trabalhadores em terra, a exemplo dos ferroviários, transviários, tecelões, bancários etc. Na direção do sindicato havia “companheiros intelectualizados”, a exemplo do condutor de bonde Oscar Pércles Noblat, eleito deputado estadual classista em 1934. Nesse mesmo ano, a categoria fez uma greve de três dias, “que parou novamente Salvador e algumas partes do Recôncavo”. Apesar da repressão policial e das retaliações promovidas pela empresa com a aplicação de suspensões e demissões, a parede foi vitoriosa, avalia.

Conforme rememora, depois do golpe de 1937, já com o sindicato sob intervenção, a categoria fez uma greve “à moda arranca-rabo” (referindo-se à falta de apoio da diretoria), que foi derrotada pela repressão, deixando um saldo de mais de 50 demissões. Com efeito, “houve um esfriamento total”, ou seja, uma desmobilização e, em seguida, a divisão do grêmio classista pelo Decreto-Lei n. 1.402, de 1939, que originou o Sindicato dos Empregados em Carris Urbanos e o Sindicato dos Trabalhadores em Energia e Telefone.³¹

30 PASSOS, op. cit.

31 Ibidem.

João dos Passos participou ativamente do movimento sindical no pós-Estado Novo, foi dirigente do Movimento Unificador dos Trabalhadores (MUT), integrou a Comissão Permanente do III Congresso Sindical dos Trabalhadores Baianos (1946), a direção da União Sindical dos Trabalhadores Baianos (USTB) e a Associação Geral dos Trabalhadores (AGT). No campo político-partidário, foi membro do Comitê Estadual do PCB e um dos candidatos negros que integraram a “chapa popular” nas eleições para a constituinte estadual em 1947.³²

Durante a campanha eleitoral, foi submetido a inquérito trabalhista pela Companhia Linha Circular, sob a acusação de ter praticado calúnia, injúria e difamação contra a empregadora durante um comício realizado na Praça da Sé, em Salvador. Depois de uma longa e concorrida disputa judicial, foi demitido por justa causa. Em suas memórias, as questões de trabalho, classe e raça se entrelaçam com a bandeira política e ideológica pecebista da luta contra o imperialismo.

A convivência com velhos sindicalistas, egressos das gerações de 1920 e do início da década de 1930, e o aprendizado acumulado nas experiências de organização e nas lutas operárias transcorridas ao longo desse período informaram o processo de formação e a atuação política de João dos Passos e de outros importantes ativistas que reanimaram o movimento sindical no contexto da redemocratização. A ausência de uma cultura letrada não foi obstáculo intransponível à formação profissional, nem tampouco de uma cultura de classe, entrelaçada com a questão racial.

A trajetória e as experiências lembradas por João dos Passos, certamente, eram semelhantes às de tantos outros operários e ativistas sindicais que se destacaram naquela conjuntura histórica. O estivador João Cardoso de Souza nasceu em São Cristóvão, no estado de Sergipe, onde começou a trabalhar, ainda na infância, como camponês e pescador. Com 17 anos migrou para Santos, em São Paulo, onde ingressou na carreira de marítimo. Na Marinha Mercante exerceu as funções de carvoeiro e foguista. A sua trajetória sindical iniciou-se no contexto das lutas políticas de 1934. Em 1941, durante o Estado Novo, foi indicado pela categoria como delegado dos foguistas em Salvador. No ano seguinte, entrou para a estiva, mas permaneceu como delegado dos marítimos até ingressar no Sindicato dos Estivadores quando este se encontrava sob intervenção.

Como marítimo e estivador, Cardoso manteve contato com companheiros de outras cidades (cita Rio de Janeiro, Recife e Porto Alegre), o que lhe proporcionou um “conhecimento mais ou menos geral das coisas”. A sua turma era composta de 93 estivadores, todos jovens, o mais velho devia ter uns 30 anos. Essa juventude “tinha uma atuação muito mais ativa e efetiva do que os mais velhos”. Conforme rememorou em

32 FONTES, José Raimundo. **A Bahia de todos os trabalhadores**. Classe operária, sindicatos e política – 1930-1947. 1997. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997. SOUZA, Edinaldo Antonio Oliveira. **Trabalho, política e cidadania: trabalhadores, sindicatos e luta por direitos (Bahia, 1945-1950)**. 2015. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

entrevista concedida no início dos anos 1980, essas experiências fizeram com que se destacasse como uma liderança entre os colegas.³³ Em suas memórias, ele destaca a troca de experiências com colegas de outros estados, as lutas sindicais do início da década de 1930 e o ímpeto da juventude como fatores importantes na sua formação política.

Em 1947, também integrou a “chapa popular” nas eleições para a constituinte estadual. Em 1948, foi expulso do Sindicato dos Estivadores durante intervenção sofrida pelo organismo classista, em seguida assumiu a presidência da Associação Geral dos Trabalhadores (AGT), organizada pelo PCB no contexto da clandestinidade. Em 1955 ou 1958, com o fim da intervenção, retornou ao sindicato, sendo eleito e reeleito diversas vezes presidente, tendo como principal adversário Jaime Maciel. Com o golpe de 1964, foi preso juntamente com outras lideranças sindicais.³⁴

Jaime da Silva Maciel foi condutor de bondes, guarda civil e estivador na mesma turma de João Cardoso. Também iniciou sua formação sindical na década de 1930 e teve atuação destacada no Sindicato dos Estivadores e no movimento operário baiano no final da Segunda Guerra. Participou do Terceiro Congresso Sindical, integrou a diretoria da USTB e a Comissão Intersindical de Defesa dos Sindicatos. No plano partidário, foi membro do Comitê Estadual do PCB instalado em julho 1945 e elegeu-se deputado estadual constituinte nas eleições de janeiro de 1947. Com a cassação do registro do PCB (em maio), foi eleito vereador de Salvador pela legenda do Partido Trabalhista Nacional (PTN) nas eleições de dezembro de 1947. Com a perda do mandato de deputado, assumiu a cadeira na Câmara Municipal. Em outubro de 1948, rompeu com o PCB.³⁵

Cosme Ferreira nasceu na localidade rural de São Francisco do Paraguaçu, no município de Cachoeira. Aos sete anos foi morar com o pai em Salvador, onde começou a estudar e, em seguida, a trabalhar em uma oficina, provavelmente na condição de aprendiz, até ser “fichado” na Fábrica de Cobre Lusitano, na função de “caldeireiro”. Em novembro de 1934, no contexto de efervescência sindical, filiou-se ao sindicato daquela categoria. Posteriormente, entrou para a Companhia Docas da Bahia, onde seu pai trabalhava como portuário, permanecendo naquele emprego até a aposentadoria em 1967.³⁶

33 SOUZA, João Cardoso de. **João Cardoso de Souza (depoimento, 1983)**. Núcleo de História Oral e Documentação Contemporânea (NHODOC) – Acervo do projeto “Memória do Movimento Operário Baiano”, Salvador, UFBA. Depoimento transcrito, 16 fls.

34 Ibidem. Ver também: COMITÊ estadual, Comitês Populares e Principais Militantes do Partido Comunista na Bahia, op. cit.

35 SOUZA, 2015, op. cit. Ver também: COMITÊ estadual, comitês populares e principais militantes do Partido Comunista na Bahia, op. cit. OS CANDIDATOS do povo baiano à Constituinte, op. cit. CASSADOS os mandatos dos deputados estaduais comunistas, hoje, de manhã. **Estado da Bahia**, Salvador, 14 jan. 1948. CASSADOS os mandatos dos comunistas baianos. **Diário de Notícias**, Salvador, p. 3, 13 jan. 1948, s/p. JAIME MACIEL traiu o proletariado. **O Momento**, Salvador, p. 1, 8, 16 out. 1948. O VEREADOR abjurou o comunismo. **Diário de Notícias**, Salvador, p. 3, 16 out. 1948.

36 FERREIRA, Cosme. **Cosme Ferreira (depoimento, 1983)**. Núcleo de História Oral e Documentação Contemporânea (NHODOC) – Acervo do projeto “Memória do Movimento Operário Baiano”, Salvador, UFBA. Documento transcrito, 24 fls. Ver também: COMITÊ estadual, comitês populares e principais militantes do Partido Comunista na Bahia, op. cit. OS CANDIDATOS do povo baiano à Constituinte, op. cit.

No pós-Estado Novo, Ferreira integrou a comissão executiva do III Congresso Sindical dos Trabalhadores Baianos (1946), a comissão intersindical de fortalecimento sindical (1947) e as comissões organizadora e executiva do IV Congresso Sindical (1950) promovido pelos comunistas. No plano partidário, foi membro do Comitê Municipal do PCB em Salvador e integrou a “chapa popular” nas eleições para a constituinte estadual em 1947.³⁷

Em suas memórias, o sindicato aparece, sobretudo, como um organismo disciplinador, organizador do trabalho, provedor de assistência social, responsável pela negociação dos contratos coletivos e como um espaço de sociabilidade. Nesse sentido, refere-se à caixa de beneficência, que auxiliava financeiramente os associados em caso de doença, ao clube de futebol dos portuários, que participava de uma liga amadora e promovia festas dançantes, e do afoxé “Filhos de Obá”, que desfilava no carnaval. No carnaval de 1948, também desfilou no tradicional caminhão do “Comendo Coentro”, organizado por trabalhadores da estiva. Naquele ano, diversos outros pequenos blocos, cordões e afoxés de bairros populares e proletários, como Engenho Velho, Pelourinho, Liberdade, Vila Rui Barbosa, Alto das Pombas, Itapagipe e Borongo, participaram de um concurso de associações carnavalescas promovido pelo jornal *O Momento*.

As experiências e trajetórias compartilhadas por esses operários entrelaçavam questões trabalho, classe e raça que corroboravam a formação de uma identidade operária e informaram as escolhas e práticas políticas. Na edição de 15 de junho de 1946, o jornal *A Tarde* noticiava um princípio de greve no cais do porto de Salvador, motivada por insultos racistas da tripulação do navio espanhol *Nafarrete* contra operários negros. Segundo o articulista, enquanto colocavam as amarras do navio, o atracador Júlio Neves da Silva e alguns “aguadeiros” teriam sido insultados pelos marinheiros que gritavam: “depressa macacos!”.³⁸ Em protesto contra a ofensa de conotação racista, os estivadores do porto suspenderam o serviço de descarga e só retornaram aos seus postos após entendimentos intermediados pelo sindicato da categoria.³⁹

No início de 1948, a questão racial foi mobilizada pelo PCB contra a cassação do mandato parlamentar do deputado comunista Clarindo Silva, líder operário negro, no Rio de Janeiro. Na Bahia, segundo *O Momento*, durante pronunciamento em defesa de seu mandato, Jaime Maciel, o único integrante negro na Assembleia Legislativa, foi interrompido pelo deputado Osvaldo Pinto de Carvalho (PSD), um “aristocrático neto de senhores de escravos”, que o teria chamado de “negro cínico”, um insulto racista.⁴⁰ A ascensão a um

37 Ver: FONTES, op. cit. SOUZA, 2015, op. cit. Ver também: COMITÊ estadual, comitês populares e principais militantes do Partido Comunista na Bahia, op. cit. OS CANDIDATOS do povo baiano à Constituinte, op. cit.

38 NÃO foi adiante a greve no cais. *A Tarde*, Salvador, p. 2, 15 jun. 1946.

39 A paralisação pode ter sido influenciada também pelo movimento de boicote dos portuários e estivadores a navios espanhóis, que atingiu outros portos brasileiros, em protesto contra o fascismo franquista. Ver: SILVA, Fernando T. *A carga e a culpa*. Os operários das Docas de Santos: direitos e cultura de solidariedade (1937-1968). Santos: Hucitec, 1995. p. 114/20.

40 TRAÍDO pela Câmara, o povo baiano. *O Momento*, Salvador, pp. 1, 6, 15 jan. 1948. ALÉM de vendido à Circular, é racista. *O Momento*, Salvador, p. 1, 15 jan. 1948.



Jaime Maciel. Fonte: *O Momento*.



Claudino José da Silva. Fonte: pcb.org.br

importante cargo de representação política não garantia ao operário negro a superação do estigma do preconceito racial.

Para Pinto de Carvalho, um representante das classes patronais, a cassação do mandato de Maciel representava não somente o expurgo do Parlamento da inconveniente participação de um ativista sindical e dirigente comunista, mas também (e talvez principalmente) da incômoda presença de um operário negro. Passados apenas 60 anos desde a abolição da escravidão, os estigmas do cativo, a discriminação e o preconceito racial continuavam (e ainda hoje continuam) a demarcar os lugares sociais de brancos e negros, ricos e pobres na sociedade soteropolitana. Para os representantes da elite patronal, em grande parte remanescente da elite senhorial, além do anticomunismo, era intolerável a participação de empregados e sindicalistas, sobretudo negros, nos espaços públicos de representação política.

A matéria de *O Momento* encontra-se inserida no contexto de radicalização do discurso comunista após a proscrição do registro legal do PCB e perante a cassação dos mandatos parlamentares comunistas. Mas, em alguma medida, também expressa a posição assumida pelo PCB em relação à questão racial, desde a década de 1930, quando o partido (ou setores da intelectualidade e da militância pecebista) passa a reconhecer a existência do racismo e, por vezes, assume mais abertamente uma crítica ao problema, apesar dos limites teóricos de seu quadro analítico para a leitura dos problemas econômicos do país de uma maneira geral.

Naquele mesmo ano, em concurso de marchinhas carnavalescas promovido por *O Momento*, um bloco carnavalesco da Estrada da Liberdade, tradicional bairro proletário negro em Salvador, deu visibilidade à intersecção das questões de trabalho, classe, raça e política. Segundo a folha comunista, a letra do samba enredo, entoada por cerca de 350 trabalhadores pretos, afirmava: “Preto não é mais lacaio, preto não tem mais senhor”; “Hoje preto pode ser doutor, Deputado ou Senador”.⁴¹

41 PRETO não é mais lacaio! *O Momento*, Salvador, p. 1, 1 fev. 1948.

O *Momento* afirmava que a eleição de um líder operário negro, o empregado na construção civil Claudino José da Silva, como o deputado federal mais votado no Rio de Janeiro, e do estivador Jaime Maciel, “preto também”, para deputado estadual na Bahia, indicava que o povo brasileiro “não tolerava tais preconceitos”. Todavia, o preconceito ainda era alimentado por “certos senhores da burguesia”, que continuavam agindo “como se fossem senhores de escravos”, como o Sr. Pinto de Carvalho “que pretendeu insultar o deputado Jaime Maciel, chamando-o de negro”.⁴²

Ao mesmo tempo em que reconhece e denuncia o preconceito racial, a folha comunista considera a eleição dos dois operários negros como um indicativo de que o povo brasileiro não tolerava mais o preconceito racial. Aqui, o termo povo parece fazer referência aos populares, aos trabalhadores manuais, predominantemente negros. Na matéria, o racismo é tratado como uma espécie de excentricidade de “certos senhores da burguesia” ou de uma “aristocracia” descendente de senhores de escravos, uma alusão ao discurso pecebista consolidado a partir da década de 1930, que associava a questão racial ao passado escravista, ao latifúndio e à cultura senhorial, que os teóricos pecebistas denominavam equivocadamente de “resquílios feudais”.

Em novembro de 1948, em discurso na plenária da Assembleia Legislativa da Bahia, o deputado trabalhista Joel Presídio afirmou que o pai de uma estudante negra, visivelmente contrariado, teria lhe relatado que o governo do estado estava recrutando “mocinhas de cor” nas escolas públicas para servirem de copeiras durante o almoço em homenagem ao presidente Dutra, que se encontrava em visita à Bahia. O fato foi noticiado pelo jornal comunista como um “insulto aos negros”.⁴³ O deputado trabalhista e a folha comunista eram contrários às homenagens ao presidente.

Na Bahia, estado onde as mulheres negras sempre representaram uma parcela significativa dos mundos do trabalho e, pelo menos, duas das principais categorias operárias – a têxtil e a fumageira – eram majoritariamente femininas (sem falar dos serviços domésticos e do comércio de rua), a experiência das mulheres trabalhadoras encontra-se marcada pela intersecção do preconceito e da discriminação de classe, gênero e raça aliada à exploração no trabalho. Esse é outro campo fértil de pesquisas na História Social do Trabalho.⁴⁴

42 Ibidem.

43 OS HOMENAGEANTES do Sr. Dutra insultam os negros! *O Momento*, Salvador, s.d.

44 Ver: SOUZA, Edinaldo A. Oliveira. Mulheres operárias e luta jurídica pela proteção à maternidade em comarcas do Recôncavo baiano (1943-1949). *Revista Cadernos de Pesquisa*, Uberlândia, v. 24, n. 2, p. 433-455, jul./dez. 2011. SARDENBERG, Cecília M. B. et al. Mulheres e sindicatos: presença feminina no Sindtêxtil-Bahia nos anos 50. In: SARDENBERG, Cecília M. B.; VANIN, Iole M.; ARAS, Lina, M. B. (org.). **Fazendo gênero na historiografia baiana**. Salvador: NEIM/UFBA, 2001. pp. 136-160. SILVA, Elizabete Rodrigues. **Fazer charutos: uma atividade feminina**. 2001. Dissertação (Mestrado em História) – FFCH/UFBA, Salvador, 2001. Para uma abordagem da intersecção de raça, classe e gênero, ver: DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016. STOLKE, Verena. Sexo está para gênero assim como raça está para etnicidade? *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, v. 20, pp. 101-117, jun. 1991.

Considerações finais

SEM MINIMIZAR a importância dos discursos, das diretrizes e iniciativas tanto do PCB quanto do ativismo negro, nem as variáveis conjunturais, a aproximação e participação de operários e sindicalistas negros da política partidária e eleitoral representa uma via de mão dupla, cuja explicação precisa levar em conta as experiências e trajetórias desses sujeitos e da própria classe trabalhadora. Sobretudo na Bahia, estado onde as intersecções entre classe e raça demarcavam (e ainda demarcam) as experiências sociais, com desdobramentos evidentes nos mundos do trabalho.

Diversas situações tratadas neste artigo apontam para uma intersecção entre classe, cor, raça e trabalho na experiência operária baiana, que ajuda a explicar a aproximação de operários e sindicalistas negros da política partidária e eleitoral e a opção por partidos políticos que incorporavam ao seu discurso e pauta as questões social e racial. Numa conjuntura permeável à participação política das “massas”, em alguma medida, os discursos e iniciativas do partido político e do ativismo negro encontraram ressonância na experiência operária. Uma experiência marcada pelo entrelaçamento entre preconceito e discriminação social e racial, que se evidenciavam nas relações de trabalho.

Isso ajuda a explicar a expressiva participação de operários e sindicalistas negros entre os ativistas, dirigentes e candidatos do PCB no pós-Estado Novo. Ainda que não representassem uma maioria entre os candidatos e, com a exceção de Juvenal Júnior, não empunhassem explicitamente uma bandeira racial, o curto período de legalidade do Partido Comunista do Brasil representou uma importante janela aberta à participação de operários negros na política partidária e eleitoral.

Por outro lado, o protagonismo de operários negros no movimento sindical e sua presença e participação ativa na política partidária e eleitoral, em alguma medida, influenciaram a inclusão, ainda que de forma secundária, da questão racial na pauta política eleitoral do partido. Logo, eles não foram receptores passivos dos discursos, teses, diretrizes e deliberações de partidos políticos nem dos movimentos negros. Isso não relativiza nem minimiza a prevalência do preconceito e da discriminação racial, mas procura recuperar o protagonismo político desses operários e sindicalistas negros.

Recebido: 11/07/2023

Aprovado: 08/09/2023